

A crítica da racionalidade científica: aproximações entre Ulrich Beck e Boaventura de Sousa Santos

La crítica de la racionalidad científica: similitudes entre Ulrich Beck y Boaventura de Sousa Santos

Marcelo Rodrigues Lemos¹

Resumo

A compreensão da contemporaneidade, pelas Ciências Sociais, implica a revisão de suas regras metodológicas, através de uma crítica epistemológica dos limites do conhecimento social. Esta pesquisa propõe, com isso, debater a crise de representatividade da ciência, questionando suas noções de verdade. Neste amplo universo de discussões, Ulrich Beck e Boaventura de Sousa Santos são referências destacáveis. Para Beck, a ciência não é entendida apenas como fonte de resolução dos problemas, pois a expansão técnica também é, em diversos casos, a causa geradora de riscos civilizacionais. Santos, por sua vez, afirma que a racionalidade cognitiva-instrumental moderna colonizou e subjugou outras formas de saber, fato que desperta a busca por novas reflexões que rompam com a tendência da ciência clássica de valorizar uma plateia universal específica. Trabalhando com os pesquisadores em questão, é possível notar progressivas transformações na análise científica, que reanimam a razão a partir de outros discursos e parâmetros conceituais.

Palavras-Chave: Ciência; Crise; Teoria crítica.

Resumen

La comprensión del mundo contemporáneo, las ciencias sociales, implica la revisión de sus normas metodológicas, a través de una crítica epistemológica de los límites del conocimiento social. Esta investigación propone, por lo tanto, para discutir la crisis de la representación de la ciencia, cuestionando sus nociones de verdad. En este vasto universo de discusiones, Ulrich Beck y Boaventura de Sousa Santos son referencias desmontables. Para Beck, la ciencia no se entiende sólo como una fuente de solución de los problemas, porque la expansión técnica es también, en muchos casos, la causa de generación de los riesgos de civilización. Santos, por su parte, dice que la moderna racionalidad cognitivo-instrumental colonizado y subyugado otras formas de conocimiento, un hecho que suscita la búsqueda de nuevas reflexiones que rompen con la tendencia de la ciencia clásica para valorar una audiencia universal específico. Trabajar con los investigadores de que se trata, es posible ver los cambios progresivos en el análisis científico, que reanimar el motivo de otros discursos y parámetros conceptuales.

Palabras claves: Ciencia; Crisis; Teoría crítica.

1. Introdução

Dentro das Ciências Sociais, para a tradição da teoria crítica normativa, há um modo singular de se criticar a sociedade capitalista moderna: não apenas com análises descritivas

¹ Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus Marília; Mestrado e Graduação - Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais, concluídos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU); marcelo.lemos@hotmail.com

das desigualdades, mas com reflexões que combatem as dominações, ao indicarem transformações práticas nos processos sociais. Logo, esse tipo de teoria crítica torna-se uma espécie de guia para as ações humanas, com potencial empírico para a mudança política, o combate da alienação e a elucidação das contradições de toda ordem. (REPA, 2008; SCHUMACHER, 2008).

Nesse viés analítico, as elaborações científicas adquirem maior importância quando buscam a superação das situações e práticas de inferiorização, tornando o conhecimento um posicionamento político transformador. Assim, o objetivo deste estudo é apresentar alternativas teóricas ao pensamento social tradicional, a partir de uma pesquisa bibliográfica que contou, fundamentalmente, com as contribuições do português Boaventura de Sousa Santos e do alemão Ulrich Beck.

Na perspectiva teórica de Santos (2000), é possível caracterizar a contemporaneidade segundo parâmetros relativos a uma *transição paradigmática*, que coloca em xeque o paradigma da modernidade ocidental. Para tanto, o autor propõe que a reflexão em torno de tal transição passe por novas epistemologias, metodologias e questões analíticas, possibilitando, com isso, a definição de um novo contexto social em emergência.

Beck (2010) também está interessado no desenvolvimento histórico das sociedades modernas no que concerne às questões científicas. Com isso, o autor aponta a necessidade da teorização social para a compreensão de mudanças no interior da modernidade e da sociedade industrial clássica, a qual adquire uma nova forma, caracterizada, por ele, de *sociedade de risco*.

2. Problematização

Para a matriz conceitual de Santos (2000, p.15) a modernidade ocidental surgiu entre os séculos XVI e XVII como um “[...] ambicioso e revolucionário paradigma sócio-cultural assente numa tensão dinâmica entre regulação social e emancipação social.” Mas, em meados do século XIX, com a sólida convergência entre o capitalismo e o paradigma moderno, tal tensão se desgasta. O desgaste é identificado por uma tendência progressiva que transforma as forças emancipatórias em forças regulatórias, ocorrendo a ruína da emancipação na regulação.

É entre as ruínas do decadente paradigma moderno que se pode, segundo Santos (2000), perceber sinais, por enquanto vagos e muitas vezes confusos, da emergência de um novo paradigma. As principais dimensões da transição paradigmática são a epistemológica e a societal. No concernente à primeira, a mudança passa pela substituição gradativa do

paradigma dominante da ciência moderna pelo paradigma em nascimento, designado por *paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente*, que privilegia o convencimento em vez da persuasão, por meio de retóricas e conhecimentos voltados para relações equânimes entre razões e resultados, entre contemplação e ação.

Já a transição societal é menos visível e condena o paradigma dominante e seus preceitos da sociedade patriarcal, da produção capitalista, do consumismo, do individualismo, das democracias autoritárias, do globalismo excludente, em favor de *vibrações ascendentes*. Tais vibrações estão ligadas aos princípios da comunidade e às suas noções de solidariedade e participação, bem como aos conteúdos estético-expressivos e às ideias de prazer e autoria, anunciando a dimensão ativa e criativa do sujeito.

Nessa direção, a crise da modernidade é também uma crise epistemológica da ciência moderna, a qual privilegiou a racionalidade cognitivo-instrumental, reduzindo os mecanismos de emancipação, ou seja, com a hiper-cientificização, o paradigma dominante entra em uma crise resultante do avanço ocasionado por ele próprio em relação ao conhecimento. Com isso, nota-se uma passagem lenta da ciência moderna ao *novo senso comum*. Há a substituição da chamada *razão indolente* por uma nova teoria crítica, baseada no novo senso comum verdadeiramente emancipatório, o qual passa a ser possível pela autorreflexividade, entendida como a melhor maneira para se percorrer criticamente o caminho do pensamento.

Por seu turno, a sociedade de risco, tal como indica Beck (2010), é caracterizada pela presença de riscos civilizacionais produzidos, contraditoriamente, pelo poder do progresso tecnológico-econômico. Eles, por sua vez, ameaçam a vida de plantas, animais e seres humanos, cruzando fronteiras nacionais e assumindo dimensões globais.

Além disso, traço fundamental da sociedade de risco é a desconstrução de tradições, hábitos e valores tidos como referenciais na sociedade industrial clássica. Atualmente, mudanças nas concepções tradicionais do casamento, da paternidade, da sexualidade e no amor são percebidas no seio da família nuclear, fato que desperta a curiosidade analítica dos cientistas sociais.

Segundo Beck (2010), as inúmeras modificações sofridas pela modernidade tendem a libertar os grupos humanos de padrões sociais presentes na modernidade. Desse modo, antigas referências ligadas à classe ou estrato, família e identidade de gênero passam a ser resignificadas e destradicionalizadas.

A tradição dos chamados Estados de Bem-Estar Social, fortemente construída após a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) em especial na Europa, proporcionou um intenso

isolamento social. A busca pelo sucesso pessoal e por elevados padrões econômicos de vida estimulou a competitividade e a desconexão com condicionantes familiares e de classe.

A colocação do indivíduo como referência central nos planos de vida desestabilizou a noção de sociedade como grande agrupamento coletivo. A perspectiva da classe e da estratificação, como circunstâncias fundamentais à formação das identidades, vai se deteriorando, tornando problemas estruturais e sistêmicos em fracassos atribuídos a cada pessoa em particular.

Com isso, a formação social das identidades vai adquirindo contornos contraditórios. A socialização perde respaldos coletivos e aparece, agora, como uma atmosfera cada vez mais individualizada. Mas, incoerentemente, as buscas por um pouco de vida própria acabam se esbarrando em limites sociais e políticos.

Embora várias situações visualizadas nos tempos atuais sejam passíveis de crítica, há, ainda assim, uma dificuldade de construção de uma teoria verdadeiramente crítica. Esta dificuldade está associada ao fato de que a teoria crítica deve considerar o real como um campo amplo de alternativas, pensadas para além do que está posto ou além do empiricamente dado. Nesse sentido, as análises críticas devem visar a reflexão da existência avançando em relação à própria existência, visto a gama de possibilidades latentes.

3. Conclusões

Avaliando a extensão dos problemas contemporâneos, uma série de conteúdos desperta inconformidade: a concentração da produção de bens e serviços em poucos países, considerados de capitalismo avançado; o descompasso salarial entre os trabalhadores do mesmo setor mundo afora; a ampliação do endividamento de diversos países em razão de empréstimos financeiros internacionais com regras abusivas; a produção agrícola monocultora em detrimento de itens de primeira necessidade; as falhas na promoção dos Direitos Humanos mesmo em nações com democracia formal; conflitos armados ameaçando a paz almejada; a degradação ambiental e o despertar de uma crise ecológica em nome do “desenvolvimento” material.

Novas posições de gênero também são postas em evidência, significativamente em relação às mulheres. Liberadas de uma tradição que as prendia ao casamento, agora é o divórcio que gera ambiguidades e desconfortos. Uma vez que as necessidades e suas correspondentes realizações se individualizaram, a família passa a ser inserida em um

contexto de desgaste, pautado nas obrigações maçantes do trabalho doméstico, da educação dos filhos e da realização profissional. (BECK, 2010).

Embora esses novos arranjos sociais estejam ligados à individualização, eles não se parecem com uma emancipação bem-sucedida, pois estão presos à institucionalização e padronização dos estilos de vida. “Libertados”, os indivíduos são ainda reféns do mercado de trabalho, prisioneiros do consumo, de burocracias políticas e legais, e as posições individuais tornam-se institucionalmente dependentes.

Outras transformações, não menos sutis, são vistas nas relações de trabalho assalariadas, na universalização e simultânea desmistificação da ciência, nas formas de democracia parlamentar. Portanto, “O sistema de coordenadas ao qual a vida e o pensamento estão sujeitos na modernidade industrial [...] começa a cambalear, e surge um novo crepúsculo de oportunidades e riscos [...]” (BECK, 2010, p.18).

Diante desse quadro contemporâneo de instabilidades, esta pesquisa encontrou análises preocupadas em apresentar novas possibilidades ao pensamento social e às relações práticas cotidianas. Com isso, a teoria crítica moderna propõe um *conhecimento-emancipação*, ressaltando o colonialismo como ignorância e a solidariedade como sabedoria.

Na perspectiva crítica proposta por Santos (2000), o conhecimento-emancipação rechaça a concepção do outro como simples objeto, elevando-o à condição de sujeito, um sujeito capaz de revelar o que quer ou deseja. Nessa matriz, o conhecimento como princípio de ordem só é possível quando guiado pela solidariedade e pela autorreflexão do outro.

Assim, é preciso, para a nova perspectiva crítica, começar a criticar o próprio conhecimento, avaliando um pensamento de alternativas e não uma alternativa de pensamento. Listar tantos problemas e idealizar respostas inovadoras para todos eles faz parte da base da teoria crítica. Imerso em um contexto de produção do conhecimento, o cientista deve mensurar as atividades sociais que o rodeiam e objetivar a emancipação e a superação de vontades particulares em elementos coletivos e autoconscientes.

Referências

BECK, U. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.

SANTOS, B. S. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000. v. 1.



SCHUMACHER, A. A. Reconstrução Pragmático-Formal da Racionalidade Comunicativa: Origem e Dificuldades. In. MARTINS, Clélia Aparecida; POKER, José Geraldo (Orgs). O pensamento de Habermas em questão. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2008. p. 117-154.